

## **Proceso selectivo para ingreso en la Carrera Diplomática**

**Resolución de 22 de diciembre de 2021 (BOE de 29-12-2021)**

### **TEXTO DE PORTUGUÉS DEL SEGUNDO EJERCICIO**

**(27-05-2022)**

“O chamado ‘desenvolvimento’ machuca, causa terror, impacto ambiental e desequilíbrio climático” na Amazônia, alerta líder Karipuna

Em nome da resistência do seu povo contra a sua própria extinção e a destruição da floresta Amazônica que os alberga, o porta-voz da liderança do povo Karipuna de Rondônia (um dos 13 povos indígenas mais ameaçados do Brasil), não se cansa de fazer ecoar a sua mensagem pelo mundo. “Estou sangrando por dentro porque a minha mãe-floresta está morrendo. Parem de desmatar a floresta virgem e de massacrar os povos indígenas. E lembrem-se que o povo Karipuna está a proteger a floresta mãe, que é importante para o equilíbrio climático”, apela Adriano Karipuna, em conversa com o Expresso.

“O Brasil não cumpre o acordo internacional de proteção da floresta e dos territórios indígenas brasileiros. Os povos indígenas estão ameaçados de morte e para nós é importante manter a floresta em pé”, reforça. O líder indígena estima que o seu povo perdeu uma área equivalente a 1300 campos de futebol nos últimos anos. E de uma comunidade de cerca de 200 pessoas nos anos 70 do século XX, restam menos de metade.

Numa época de guerra na Europa, com os olhos centrados na agressão da Rússia contra a Ucrânia, Adriano Karipuna lembra que “os povos indígenas da Amazônia também vivem uma guerra” e que “se a floresta acabar, tudo o que é belo vai virar um desastre”. E os efeitos já se estão a fazer sentir. “Não é preciso ser especialista em mudança climática para perceber o que já está a acontecer com a chuva e o calor fora do tempo.”

Por isso deixa uma mensagem para os dirigentes europeus, incluindo o Governo português: “A UE tem de ficar atenta aos produtos do Brasil, sobretudo dos que podem ser resultado do crime de desmatamento e de massacre de povos tradicionais”. E entre estes produtos estão madeiras, carne ou minérios comercializados por empresas multinacionais.

Ao longo dos seus 36 anos de vida, Adriano viu o desmatamento fazer desaparecer espécies de plantas, de aves e de outros animais da floresta. “O belo está a extinguir-se”, diz. E reforça: “O que a natureza dava está a ser destruído pela palavra desenvolvimento”.

Erguendo orgulhosamente o cocar (espécie de coroa indígena) feito de penas de Gavião-real e de papagaio (símbolos do povo Karipuna e do clã Mutum), frisa que “o povo Karipuna não aceita o chamado ‘desenvolvimento’ que machuca, causa terror psicológico, impacto ambiental e desequilíbrio climático” na Amazônia.

Recorde-se que a ONU e o Pacto de Glasgow reconhecem a importância de soluções baseadas na natureza e o papel dos povos indígenas para a luta climática e proteção da biodiversidade.

Os ataques à Amazônia têm piorado desde os anos 70 do século XX, mas os anos mais recentes, sob a presidência de Jair Bolsonaro, têm deixado uma marca forte. “Bolsonaro é inimigo dos povos indígenas e da floresta. Ele prometeu liberar terra para os invasores, para cortarem madeira e extrair minério e tem aprovado projetos inconstitucionais”, lamenta o líder Karipuna. Entre os projetos em causa estão “o ‘490’ que quer diminuir as terras indígenas e diz que os povos não têm direito à terra antes de 1988 e o “191”, que libera minério em terras indígenas já aprovado na Câmara dos Deputados, e que falta passar pelo Senado”.

Só no último mês de Abril foram derrubados 1.197 km<sup>2</sup> de árvores na Amazônia (mais 74% do que o registado no mesmo mês de 2021) segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). E em apenas quatro meses deste ano, perderam-se mais de 5.000 km<sup>2</sup> de floresta amazônica, a somar aos 10.362 km<sup>2</sup> de mata nativa destruídos em 2021. E estes são só os dados mais recentes.

A terra indígena Karipuna estendia-se por 150 mil hectares nos municípios de Nova Mamoré e Porto Velho, no Sul da Amazônia, (homologada pela Presidência da República em 1988), mas o desmatamento e a degradação do território agravados pelas atividades de madeireiros e da agropecuária atingiram mais de 11 mil hectares nas últimas duas décadas. Dados da Greenpeace Brasil e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) identificaram o desmatamento ilegal de mais 850 hectares no território dos Karipuna, no segundo semestre de 2021. E de pouco servem as denúncias ao Ministério Público e à polícia federal.

Em Março passado, Adriano fez chegar uma mensagem ao 49º Conselho de Direitos Humanos da ONU alertando temerem “ser assassinados dentro da própria aldeia”, e lembrando que se nada for mudado “restará ao povo Karipuna pedir asilo político”. O direito humano a um ambiente seguro, limpo, saudável e sustentável foi aprovado pela ONU em Março.

“Estamos cercados pelos invasores do nosso território. Estamos sob risco intenso de deixarmos de existir enquanto povo”, denunciou o líder Karipuna, que na língua tupi-guarani quer dizer “gente verdadeira”.

JORNAL “EXPRESSO”. 13/05/22